

A QUESTÃO DO JESUS “HISTÓRICO”

Johan Konings*

Jesus de Nazaré continua sendo uma presença inelutável na consciência cultural do Ocidente e do mundo inteiro. Mesmo quem lhe recusa assentimento religioso, não escapa ao fascínio exercido, se não por sua pessoa, então pelo menos pelo lugar que ele ocupa na história e a importância que, de bom ou de mau grado, lhe é reconhecida. Esse fascínio se traduz no desejo de saber o que Jesus de fato andou fazendo, prescindindo daquilo que seus seguidores fizeram dele.

Que é que Jesus de fato andou fazendo? – essa é a questão do Jesus histórico. Para responder a essa pergunta, lança-se mão dos recursos que a historiografia desenvolveu através dos séculos e que nos tempos modernos se chamam “a crítica histórica”. A imagem de Jesus que resulta dessa investigação chama-se “o Jesus histórico”.

A figura histórica de Jesus deve ser distinguida do “Cristo da fé”. Essa distinção não é a mesma que a distinção entre o Jesus terrestre e o Cristo ressuscitado, elevado na glória de Deus. O Cristo da fé, o Jesus proclamado messias e Filho de Deus pela fé de seus seguidores, inclui ambas as figuras

do Jesus terrestre e do Senhor da glória. Os evangelhos não nos apresentam o Jesus procurado pelos historiadores críticos, mas o Jesus da “narrativa da fé”, um Jesus apresentado de modo que creiamos que ele é o messias e Filho de Deus e, nesta fé, acedamos à vida eterna (Mc 1,1; Jo 20,31).

O Jesus da história e o Cristo da fé

As Escrituras cristãs apontam dois momentos desse Cristo da fé: o momento de sua obra terrestre e o momento de sua existência gloriosa no tempo de Deus, estendendo-se desde o primeiro princípio até hoje e até a eternidade, ou seja, na supratemporalidade divina. Mas em ambos estes momentos, o Jesus das Escrituras cristãs é, antes de tudo, o Cristo da fé. A narrativa que a fé apresenta a respeito de Jesus comporta sua vida como membro da comunidade judaica, taumaturgo e mestre ambulante, na Galiléia e em Jerusalém, até o conflito que culminou em sua morte, sendo resgatado da morte, pelo poder de Deus, em reconhecimento da sua justiça e de sua obra, no fato que recebeu o nome

* Doutor em Teologia Biblista. Diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, MG.

de ressurreição, exaltação ou glorificação. A narrativa da fé mistura, portanto, as atividades que pertencem ao domínio terrestre, sujeito à verificação histórica, com o evento da glorificação, que só é testemunhado na fé.

Ora, a busca do Jesus histórico limita-se aos fatos empiricamente verificáveis, através das assim chamadas “evidências” ou – evitando esse anglicismo jornalístico – provas e indícios histórico-críticos, que, no caso, consistem essencialmente na convergência de testemunhos literários provenientes de diversas fontes. O “Jesus histórico” é, portanto, mais restrito que o Jesus “terrestre” da narrativa da fé. Por outro lado, ele é mais amplo, porque eventualmente pode apresentar traços que não são mencionados nos evangelhos ou nos demais escritos da fé cristã primitiva, como seria o caso se encontrássemos o diário contando sua andanças entre os treze e os trinta anos de idade...

A quem interessa esta pesquisa?

Antes de entrarmos em detalhes sobre essas pesquisas, podemos nos perguntar qual é sua relevância. A quem interessa esta pesquisa? Será que esse “Jesus da história” apresenta alguma importância para o cristão, que já tem a sua “história de Jesus”, contada em vista da fé? Será que interessa ao não-cristão que quer demonstrar que o Jesus dos cristãos é uma ilusão ou um “mito” (no sentido racionalista de contraposto à realidade)? Há pouco tempo, várias publicações da grande imprensa paulista andaram divulgando artigos requeitando a negação da existência histórica de Jesus à moda dos iluministas anticristãos do século XIX...

De fato, a investigação para conhecer o “Jesus histórico” teve sua origem em ambientes racionalistas, mas não anti-religiosos. Pelo contrário, os que a iniciaram foram crentes como o luterano alemão Reimarus, procurando livrar a fé de alguns elementos que não fazem parte da “história histórica” de Jesus. Sem condições de pesquisar pessoalmente as origens dessa investigação, estou inclinado a explicá-la pelo seguinte: o protestantismo, guiado pelo princípio da “sola Scriptura”, busca as

fórmulas de sua fé de modo imediato na Bíblia. Diante das contradições da literalidade bíblica e as inegáveis aquisições da ciência moderna, era preciso “purificar” a imagem bíblica de Jesus. Sobre tudo o nascimento “milagroso” e os milagres em geral, a ressurreição como fenômeno físico-fisiológico e algumas palavras estranhas de Jesus constituíram o alvo dessa pesquisa. Esses elementos eram considerados incompatíveis com a ciência e o humanismo modernos e constituíam, portanto, um obstáculo para a vivência e a expansão da fé cristã. Os católicos não sentiram, de imediato, essa questão com tanta força, por estarem acostumados a encontrar as palavras da fé pela mediação do Magistério eclesiástico, nos dogmas e catecismos.

Mas não só os protestantes “liberais” da Alemanha se puseram em busca do Jesus histórico. Interesse análogo atingiu também o ambiente francês, tradicionalmente católico, porém, por outras razões: a resistência ao Magistério e ao poder da Igreja católica, o laicismo herdado de Voltaire, o romantismo libertário. O produto mais conhecido produzido nesse ambiente é a **Vida de Jesus** de Ernesto Renan, que teve também grande influência no âmbito português e brasileiro, mais por seu valor literário do que científico...

Um golpe mortal nas primeiras “vidas de Jesus”

Foi um ilustre luterano alemão que conferiu a essa investigação um golpe mortal: antes de se tornar o famoso médico dos leprosos da África, o doutor em teologia Albert Schweitzer mostrou que essas “vidas de Jesus” pouco nos ensinam sobre Jesus e muito sobre seus autores...

O professor luterano Rudolf Bultmann tirou as conseqüências disso. Se o Jesus “histórico” é inacessível, encoberto pelas elaborações da fé das primeiras comunidades cristãs, também não precisamos de sua historiografia científica para crer. Aquilo que a Bíblia registrou como palavra e gesto divinos de Jesus fala por si à nossa existência, que, graças a uma espécie de precompreensão fenomenológica, se expõe a essa palavra decisiva que provoca a opção fundamental de nossa vida. Relativizando

assim o Jesus da história, Bultmann põe todo o peso existencial no Cristo da fé.

Seus próprios alunos, contudo, não se contentaram com essa redução. Perceberam que a mensagem do Cristo da fé não é um discurso desligado de uma existência histórica concreta, mas está inscrito na própria existência histórica de Jesus, na sua práxis, no seu modo de enfrentar a realidade histórica na qual ele viveu. O próprio Bultmann, no seu famoso artigo sobre “crer” no Dicionário Teológico do Novo Testamento (Kittel), chegou a admitir que o Cristo da fé é inseparável de seu “mito” (a “história de Jesus” contada em vista da fé). Seus discípulos dissidentes julgam que esse “mito” não é um mito irreal e supra-histórico, mas a narração de uma existência histórica que mostra na prática em que consiste o “reino de Deus” pregado por Jesus e que sua comunidade pretende viver. G. Bornkamm, E. Käsemann e W. Pannenberg, no âmbito alemão, e J. M. Robinson, no anglo-saxônico, tornaram-se os mestres da “nova investigação do Jesus histórico”, não mais buscando eliminar os milagres de sua biografia, mas tentando desenhar as linhas mestras de sua existência como encarnação daquilo que se pode chamar o reino ou a vontade de Deus. O Jesus que anunciou o reino de Deus é em sua própria pessoa o paradigma prático desse reino. Nesta perspectiva, os evangelhos não servem para *demonstrar* – inutilmente –, através dos milagres, a divindade de Jesus, mas para *mostrar* em que consiste a vida divina proposta por Jesus. A ressurreição não é vista como argumento apologético para provar a divindade de Jesus, mas como conteúdo essencial da mensagem a seu respeito, significando a justiça que lhe é conferida por Deus em virtude de sua vida doada aos outros, sua “proexistência”. Por isso, não pode obliterar-se a narrativa evangélica da vida de Jesus. Mesmo escrita em função da pregação da primeira comunidade cristã, a narrativa evangélica de Jesus é o mostruário de como se entendeu, no contexto do primeiro século de nossa era, a vontade de Deus segundo a inspiração legada pelo mestre de Nazaré.

A revalorização da história de Jesus através do Jesus da fé

Acontece que essa revalorização da vida de Jesus – que teve grande influência na teologia da libertação na América Latina e no mundo inteiro – é, no fundo, uma revalorização do Jesus visto através da fé, porém, ambientado melhor no contexto sociohistórico do primeiro século. A imagem de Jesus desenvolvida por Bornkamm e outros é altamente teológica e, não raramente, ideológica e política. Por isso, os que querem saber como foi Jesus historicamente no sentido estrito, crítico-científico, não se dão por satisfeitos. Nestes últimos anos, a reconstituição histórica da vida de Jesus volta à pauta, agora com interesses e métodos muito diversificados.

Enquanto alguns autores continuam interessados no valor paradigmático da práxis de Jesus (R. Nolan), outros se situam na perspectiva do diálogo das religiões (J. D. Crossan), especialmente com o judaísmo (D. Flusser, E. P. Sanders); há inclusive um interesse da parte de estudiosos judeus em “recuperar Jesus para o judaísmo” (G. Vermes). Outros ainda buscam esclarecer melhor o contexto sociohistórico de Jesus (J. Riches, S. Freyne) e de seu “movimento” (G. Theissen).

Uma pesquisa que não pára e busca novos métodos

Para muitos desses estudiosos, o Jesus da fé eclesial é insuficiente, já que não partilham essa fé. Mas, diga-se de passagem que também para um não cristão o Jesus da fé eclesial pode ser um objeto de estudo interessante, numa perspectiva de fenomenologia religiosa ou de ciência comparativa da religião. Ora, o interesse pelo “Jesus atrás da fé” (ou “antes do cristianismo”, como diz Nolan), no atual momento de “globalização”, se explica sobretudo pelo desejo de fazer de Jesus um “patrimônio da humanidade”, acessível a qualquer um, sem ter de passar pelo canal da comunidade cristã. Dúvida que seja possível. Creio que, em termos de patrimônio da humanidade, seria mais interessante debruçar-se sobre a fé dos primeiros seguidores de

Jesus, pois é esta que se exprime nos evangelhos – e temos confiança de que esta fé tão firme e corajosa está em consonância com o acontecer divino que eles vislumbraram no homem de Nazaré. Em outros termos, penso que, mais uma vez, a reconstituição histórica de Jesus só nos fornecerá informações sobre o palco de sua atuação – como pretende o recente estudo de S. Freyne –, mas não estará à altura da inspiração profética que ele transmitiu à sua comunidade. O “patrimônio da humanidade” se enriquecerá mais pela assimilação daquilo que os fiéis creram e praticaram a partir de Jesus do que por uma magra reconstituição de sua biografia a partir de indícios históricos quimicamente puros...

Contudo, não nego todo valor a esse empenho. Ele tem valor de disciplina metódica, ou seja, pode

definir melhor o estatuto histórico daquilo que a fé transmite a respeito de Jesus, dizer que elementos devem ser entendidos a partir da situação histórica de Jesus mesmo, dos movimentos sociais e religiosos de seu tempo ou das primeiras comunidades cristãs, etc. As possíveis “aplicações” dessa investigação são múltiplas. Mas que os pesquisadores tenham claro que não é pelos indícios estritamente históricos a respeito de Jesus de Nazaré que eles vão descobrir “a essência do cristianismo” ou um Jesus em estado puro acessível a todo o mundo. O acesso a Jesus se encontra na fé vivenciada por aqueles que procuram guardar e encarnar o legado do seu acontecer, até hoje.

Numa próxima oportunidade podemos apresentar mais detalhadamente alguns dos estudos aqui mencionados.

Referências bibliográficas

01. CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico**. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994, 543p. (Edição original americana: 1991).
02. CROSSAN, John Dominic. **Quem matou Jesus?** As raízes do anti-semitismo na história evangélica da morte de Jesus. Rio de Janeiro: Imago, 1995, 265p. (Edição original americana: 1995).
03. FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré: História e interpretação**. São Paulo: Loyola, 1988, 376p. (balanço da pesquisa sobre Jesus realizada nas últimas décadas; o autor é um biblista católico italiano)
04. MEIER, John P. **Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, 483p. (Edição original americana: 1991; o autor é católico e já publicou um 2º volume nos Estados Unidos).
05. NOLAN, Albert. **Jesus antes do Cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 1988. (Edição original inglesa: 1977; o autor é um teólogo católico da África do Sul).
06. THEISSEN, Gerd. **Sociologia do movimento de Jesus**. São Leopoldo: Sinodal, 1989, 187p. (Edição original alemã: 1977-1985).
07. VERMÈS, Geza. **Jesus, o judeu: uma leitura dos Evangelhos, feita por um historiador**. São Paulo: Loyola, 1990. 231p. (Edição original francesa: 1978).
08. VERMÈS, Geza. **Jesus e o mundo do judaísmo**. São Paulo: Loyola, 1996. 167p. (Edição original inglesa: 1983).